

SOBREVIVÊNCIA

Silvia Saullo, Brasil

Era uma vez...

Toda história começa assim, mas a minha não.

“Era uma vez” é uma expressão que enlaça um espaço ao tempo, um ser e um ter que se unem no Verbo, dando início à Criação.

Talvez não tenha sido nem uma coisa, nem outra, por isso não tenho certeza da minha existência...

Mas, já que estou lhe contando tudo isso, é porque “algo” sobrou, não ruiu, sobreviveu.

No percurso que fiz para o início dessa vida, encontrei horrores que não deveria e medos inimagináveis para minha frágil experiência humana.

Mas talvez, seja mais humano essa força que me impulsiona a continuar, mesmo sem saber onde vou chegar, do que todo um caminho civilizatório que foi construído antes que eu existisse.

Não sei bem como tudo começou....

Só sei que aos poucos, comecei a ter sensações...

Um líquido me percorria e a única coisa que conseguia captar era um pulsar, na verdade, dois, um mais forte, de onde parecia vir o líquido... e outro pequeno, frágil, muito insipiente, captando esse líquido e o fazendo percorrer um trajeto que não saberia dizer onde começava, nem terminava....

Só sei que era quente, acolhedor, calmo e pulsante.

Me sentia bem.

Às vezes um som de fora invadia tudo. Era uma voz suave, envolvente, e mesmo sem compreendê-la, podia sentir um bem-estar imenso. Outras vezes era uma espécie de pressão ao meu redor, e eu me aconchegava para sentir esse calor mais próximo.

Eu podia brincar com essas sensações pois não importava para onde me virasse ou esticasse, o mundo terminava ali, me envolvendo.

Até que num momento, um estrondo muito forte fez o pulsar acelerar e o líquido circulou com força, rápido demais, o mundo ao meu redor endureceu e tudo ficou muito assustador.

Aquela voz, já não era mais doce, e sim aterrorizante. Parecia que a voz tinha se deparado com algo que a desesperava...

Tentava buscar um canto, onde pudesse me apoiar, esconder, escorrer... sem me perder, mas não conseguia, porque de repente o que era abrigo, tornou-se muito duro e começou a me oprimir.

Só havia o líquido em seu percurso louco, como um trem-bala me atravessando, sem ao menos pedir permissão.

Não saberia dizer se o que sentia era um frio imenso ou um medo que quase me desintegrava...

Como se fosse uma suspensão da vontade, paralisando todas as sensações.

Tudo ficou muito quieto. Não havia voz, nem movimentos.

Tentava buscar contornos, os limites do meu mundo.

Passava o dedo pelas bordas, saliências, na tentativa de obter algum som, e só o que ecoava era o silêncio da minha própria existência.

O som da taça que me acolhia.

Ainda havia o pulsar e o líquido. Pode parecer pouco, mas era tudo o que eu tinha. Cheguei a pensar que eu havia me liquefeito.

Não sei quanto tempo durou.

Uma vida? Uma eternidade? Um instante?...

Bastava um instante.

A espera de um sinal de vida, um movimento, um ruído qualquer.

Para onde foram minhas sensações?

O que aconteceu afinal, nesse lugar estranho, onde só tenho acesso através de fissuras do sentido, rascunhos de sinais que não me levam a lugar nenhum...

Porque fico com esse vazio imenso, essa terrível vertigem de cair num escuro sem fim, sem um ponto de sustentação...

Queria calor, contorno, entorno, algo que me desse forma, um delinear de mim mesmo. Tive medo de que o escuro pudesse ter devorado minhas raízes, arrancando até a última gota do que acreditei serem minhas verdades.

Nada se movia, nenhum sinal, balanço ou sopro de vida.

Fiquei pensando se ainda existia e senti nostalgia de tudo que me pertencia.

De uma célula conversando com outra, se multiplicando e crescendo.
De tudo que sempre houve, antes mesmo que eu chegasse.
Sonhos, expectativas, projeções, fantasias sobre o que eu poderia me tornar.
Do infinitamente pequeno, trazendo o universo em si.

Preciso de você desconhecido!
Porque tudo isso está me doendo muito e não sei o que fazer.
A realidade que me encontrou foi devastadora demais, para o mundo delicado e frágil que eu sonhava.

Não me restava muito a não ser, ficar. Aos braços da sorte, ao acaso...
Fiel à um compromisso assumido com minha essência, de que me aninharia ali, sem protestar. Estava tão inerte, que nem Deus poderia me achar...

Não me queixava, nem sofria. Apenas aguardava.
Ainda assim, continuo precisando de você, desconhecido.
Afinal, se estou contando essa história, deve ter alguém.
Sempre tem alguém!

Preciso acreditar nisso, porque você é o portador da minha esperança.
Uma faísca dela já me basta para continuar aqui.
Como um naufrago em meio ao nada, preciso de uma alucinação que seja, um prospecto do sentir, mesmo que seja doloroso.
Uma dor carregada de vida.
Um sofrimento em forma de caminho.

E então ela veio. Como um tufão, uma tempestade rasgando a terra e movendo tudo à sua frente. Arrancando todas as amarras que me serviam de sustentação. Aperto. Pressão. Angústia de morte.
Não sinto mais a voz doce que me acalmava, nem seu toque. Perdi minhas referências, meu chão.
Isso me traz uma ansiedade imensa.
Parece que cai num hiato, que não é preenchido nem mesmo de significação.
Mas não é a morte, pois transbordo de pensamentos e aflições.

Nesse momento, a vida para mim é um autêntico pesadelo, um alvoroço de sensações sobrepostas, que me levam quase a fragmentar...
Às vezes, acho que me rasgo em mil fiapos e ainda assim, algo me conecta.

Mais do que nunca, preciso de você desconhecido!

Não se afaste. Não se acovarde. E acima de tudo, não me abandone. Continue comigo.

Não sei o que se passa lá fora, não sei o que foi feito do seu mundo. Mas posso dizer que me assusta! Ainda prefiro meu mundo de fantasias ao invés de ter de enfrentar as privações da mudança, a brutalidade e a violência dos sons e sensações que me chegam, a terrível insegurança de perder aquela que me gerou.

Não era para ser assim, desconhecido. O que aconteceu?...

Parece um teste de coragem e capacidade de sobrevivência num mundo absolutamente hostil. O que fazer, se uma experiência destruiu todos os referenciais, sobre os quais estávamos nos organizando para formar uma identidade? Será que restaria alguma coisa além do desespero, da angústia frente à perspectiva de um cenário que nos aterroriza?

Seus valores e seu mundo simbólico ainda não me cobriram. Seu mundo representacional, carregado de princípios e conceitos seculares, onde a rigidez da cultura estabelece os limites do ser, ainda não demarcaram meu papel no teatro dessa vida. Ou será que já começou, e me nego a ver em meu corpo os vestígios inscritos pelo desejo do Outro?... Que tatuagens carrego impressas em minha sombra, que ainda desconheço?

Nesse momento, penso que não tenho outra saída.

Chega um tempo, para mim, para você, que perdemos o controle e só nos resta, o cursar da natureza, não tocada nem modificada pela mão humana.

A mim, resta o grito, minha primeira manifestação de confronto, que antecede a linguagem. Um grito que atravessa toda loucura e invade tudo ao meu redor.

É meu grito de guerra, coragem, enfrentamento, dor e desespero. Mas é também um grito de socorro e acima de tudo, esperança.

Não posso continuar essa história, porque agora é a sua vez desconhecido!

É nesse momento que entram suas atitudes, suas palavras ou seu silêncio.

E, mesmo que não encontre no universo das palavras, aquelas de que necessita, acredito que encontrará em sua natureza humana a compaixão, o amor e o vínculo que restituirão a nossa identidade.

Agora, é a sua vez....

